



DANIELA GALANTI

2022

Curso de Pós-graduação em Gestos de Escrita como Prática de Risco
Faculdade FACON – Polo Casa Tombada
Trabalho de Conclusão de Curso

DANIELA GALANTI

ESCREVO-ME

Resumo

Escrevo-me nasce da necessidade de reconstrução de um corpo feminino.

Trata-se de uma narrativa pessoal e íntima sobre o processo, o caminho, os materiais e instrumentos utilizados por uma mão criadora. Uma escrita tecida por pensamentos e diálogos com muitas outras vozes e obras. Entre elas, os diários de Louise Bourgeois, a escrita sobre a escrita de Marguerite Duras e a convocação à escrita de Hélène Cixous.

Um corpo a ser reconstruído é matéria a ser contornada?

Quais as ferramentas para isso?

De que é feito esse corpo?

O que suporta esse corpo?

Questões como essas foram *a-bordadas* nesse trabalho, nessa escrita primeira.

Uma escrita experiência de alguém que desenha.

Escreva-te: é preciso que seu corpo se faça ouvir.

Louise Bourgeois

Palavras-Chave: escrita diário; escrita experiência; suporte; corpo feminino; lápis; agulha; tecido; pele; suporte; avesso; corpo e alma.

ÍNDICE

1. Os diários, uma escrita familiar
2. Eu não sei escrever?
3. As ferramentas
4. Um novo lugar
5. O lápis e a agulha
6. Depois do contorno
7. Ao meio
8. Dentro
9. O avesso
10. Sem acabamento

VÍDEO

REFERÊNCIAS

AGRADECIMENTOS

1. Os diários - uma escrita familiar

Fui uma adolescente muito silenciosa, tímida e introspectiva.

Uma agenda anual, dessas bem feias que ganhamos de brinde, foi o meu lugar de conversa durante muitos anos. Escrevia e desenhava todos os dias sobre pequenos acontecimentos como "*hoje está chovendo, mas ele não veio*", ou algo como "*morro de preguiça de estudar física, coisa inútil...nunca vou usar isso, nunca*".

Além das condições climáticas, chatices escolares e garotos, as agendas também guardavam segredos, angústias e dores. Naquela época, entre os anos 1990 e 1995, por questões culturais e financeiras, terapia era algo desconhecido e muito distante do meio em que eu vivia. Somente hoje, aos 47 anos, com mais de 15 anos de análise, posso afirmar com muita certeza que escrever e desenhar todos os dias naquelas agendas, me protegeu, me cuidou, me deu um corpo e minha arte.

E é com essa forma de *escrita diário* que consigo dar um início a esse trabalho.

Janeiro de 2022

terça feira

chove

Hoje senti o desejo de reler, rever, reescrever.

São muitos cadernos, textos grifados, desenhos, fragmentos de leituras.

Tudo parece estar solto. O momento é de juntar.

Passar a limpo sem limpar. Só juntar.

Não tenho a pretensão de me tornar uma escritora.

Eu só quero escrever. Por que é tão assustador?

O que me faz querer escrever nesse estado?

Por que o meu desenho não dá conta?

Foram ditas sem cuidado.

Foram ditas sem empatia.

Foram ditas...as malditas palavras.

Preciso palavrear sobre isso tudo.



Ainda em novembro de 2020

as imagens
os remédios
a linha

Um corpo doente a se costurar para que a alma não lhe escape.

Meu psiquiatra me dizia, toda semana do mês de novembro:

- Os remédios levam alguns meses para fazer efeito.

Meu terapeuta me dizia, toda semana do mês de novembro:

-Você não está sozinha, Daniela. Eu estou aqui.

Não cabia na palma da minha mão aquela dor toda.

Talvez um papel maior suportaria melhor aquilo tudo.

Recortei folhas de papel para aquarela medindo 15 x 20 cm.

Eu sabia que a aquarela sempre me acalmava, me curava de muitas aflições.

Uma mulher em aquarela, nua, cercada por palavras malditas.

Uma linda mulher a se costurar. Linha ou sangue?

Aqui encontrei o fio.

Nasceu assim uma série de imagens.

Não consegui ficar apenas com as palavras.

Eu não precisava ficar apenas com as palavras.

Agora éramos eu, o psiquiatra, o terapeuta, a mulher nua, as palavras e o fio.

E a dor. E ainda era novembro.



Novembro de 2020...não acaba nunca

o livro

a escritora

o aberto

Chegou até mim o “dermatográfico”.

Um livro de poemas escrito pela Raquel Junqueira Guimarães.

Um livro de capa branca, delicado no primeiro olhar, mas com muitos vermelhos.

Vermelho sangue, carne e coração. Vermelho erótico, raiva e amor.

Sua escrita entrou pela ferida aberta da mulher.

Parecia conhecer o caminho e a penetrava sem medo.

Talvez uma dor familiar? Como você ousa enxergar a minha dor assim?

A mulher precisava das benditas palavras de Raquel.

Nasce um projeto. Projetos são perfeitos para curar dores.

Um livro. Um livro é capaz de curar uma dor. Eu sei disso.

Um livro com as minhas imagens da mulher nua e a escrita de Raquel.

Pronto. Agora tenho companhia e das melhores. Uma escritora de verdade.

Por que a dor não passa?

Os remédios já deveriam funcionar! Ainda mais com um livro para fazer!

Um livro é um bom lugar para guardar uma dor, não é?

Por que não cabe?

Dezembro de 2020

a mesa

o chão

a distância

Eu devolvi as palavras para a escritora de verdade, para a Raquel.
Foi isso o que eu fiz.

Voltei para o meu lugar. Para os desenhos, para as imagens.

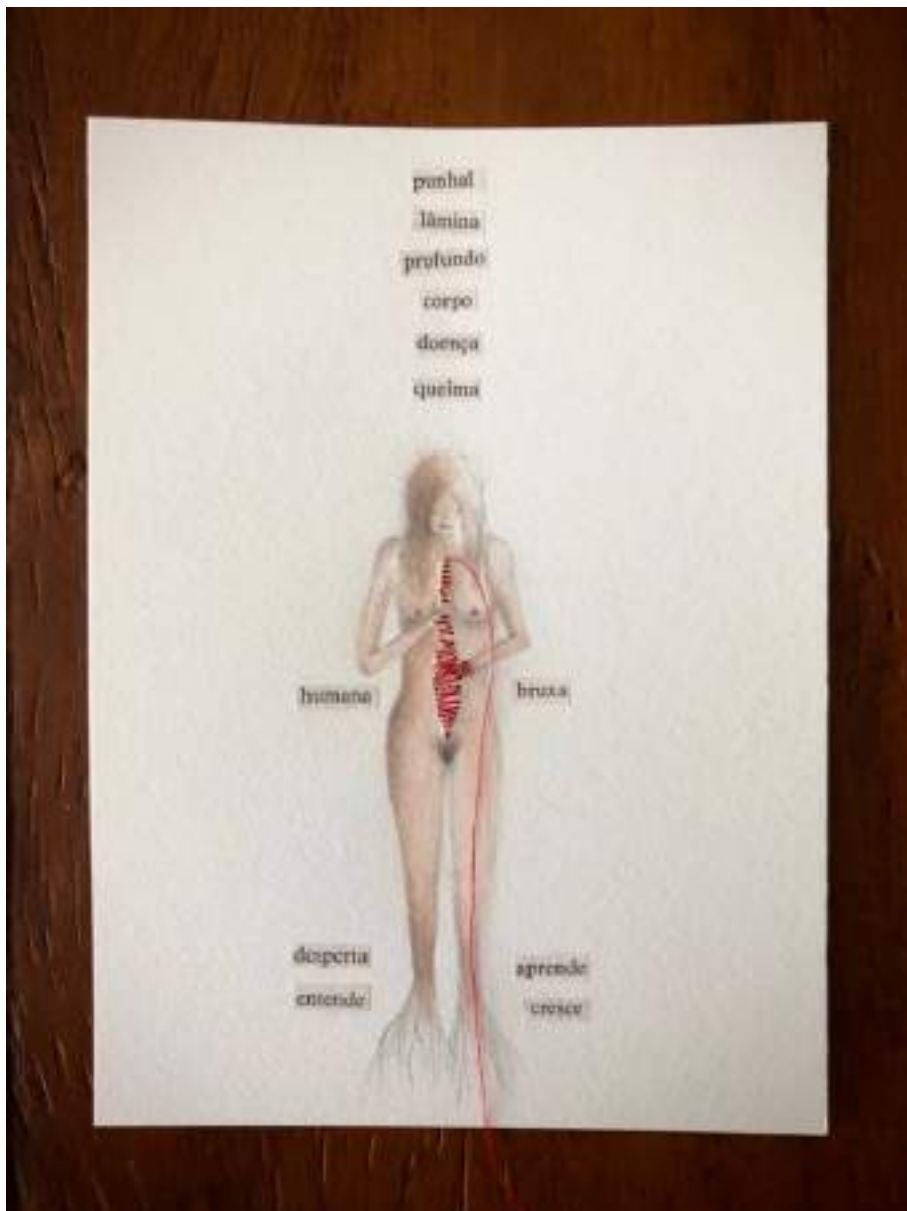
Dizem que o conhecido é um lugar *acolhedor* e *seguro*.

Estávamos outra vez, eu, os papeis, a aquarela, os lápis e a linha.

Por que isso tudo não *acolhe a dor*?

Eu estava no chão.

E a mulher nua, sobre a mesa do ateliê.



Ainda dezembro de 2020

um domingo
o tecido
um susto

Esses papéis também são insuportáveis.
São conhecidos, lugar seguro, fáceis de carregar, cabem todos juntos sobre a mesa.
São lindos, mas são *insuportáveis*. Preciso de algo maior.

Saí do chão, subi em uma escada e alcancei uma caixa verde no alto da estante.
Dentro dela, vários tecidos coloridos, retalhos para capas de cadernos e livros.
Mas também um mais grosso, bem dobrado e sem cor. Cru.

Em pé, com os braços estendidos, segurei-o pelas pontas, feito um espelho.
Por que você tem o meu tamanho? Por que não me lembro de você?
Por que você me achou?
Você é suportável?

Ainda no domingo de dezembro de 2020

Não senti vontade de estender o tecido sobre mesa, mas sim no chão.
Tirei parte da minha roupa e peguei um lápis grafite.
Ainda em pé, busquei um reflexo, como se fosse um lago.
Era apenas um pano cru. Me ajoelhei em cima dele.
Pensei que seria mais fácil se eu tivesse alguém para *me riscar o contorno*.
Mas não tinha ninguém. Eu estava completamente sozinha.
Eu não podia guardar o tecido de volta.

Eu vou ter que me contornar
Eu vou ter que me refazer
Eu vou ter que me juntar
Eu vou ter que me curar
Eu estou no chão
Eu, o tecido, o lápis e o chão



*onde estou [?] procuro freneticamente um espelho, tenho as pinças, mas não consigo me enxergar, estou perdida finalmente, coloco a mão por trás da lâmpada vermelha e vejo uma minúscula figura refletida nela e me sinto melhor, ainda existo, temia que estivesse perdida, desaparecida, invisível, ufa! que medo.
[...] Não quero esquecer Louise de novo. Ela é tudo que tenho.*

Louise Bourgeois

2. Eu não sei escrever?

Eu sei desenhar. Eu sempre desenhei.
Eu ilustro a escrita das outras pessoas.
Eu? O que vou fazer em uma pós de escrita?
E ainda mais por dois anos? Como assim?
Não, acho que não é para mim!

Encontrar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar.

Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte que si mesmo para abordar a escrita, é preciso ser mais forte que aquilo que se escreve.

*Escrever assim mesmo, apesar do desespero.
Não: com o desespero.*

*É também estar sozinha com a escrita ainda não explorada.
É tentar não morrer.*

[...] escrever o pavor de escrever.

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever, nada sabemos acerca do que vamos escrever. E com toda lucidez.

Sinto como se Marguerite Duras, em seu livro *Escrever*, escrevesse para mim. Ela viu o meu pavor de escrever, já viveu a minha solidão e sabe que não quero morrer.

Ao escrever, na realidade, não fazemos outra coisa senão desenhar nossos pensamentos, converter em formas o que era só formulação e saltar, sem mediação da voz, da ideia ao símbolo.

Julio Ramón Ribeyro em Prosas Apátridas

A escrita é a palavra desenhada...o desenho é uma imagem escrita.
A escrita é a representação muda da fala...o desenho também é.
A palavra pode ser vista...o desenho pode ser lido.
Edith Derdyk me ensinou que a escrita nasce do ato de riscar.

arisco-me... mesmo com medo
risco-me... para refazer o corpo
escrevo-me... por que sei desenhar

3. As ferramentas

Há uma imensa diferença entre ver uma coisa sem o lápis na mão e vê-la desenhando-a.

Paul Valéry em Degas Dança Desenho

Com o passar dos anos, as *agendas-diários* da adolescência deram lugar aos **cadernos sem pauta**. A palavra *pauta*, além de linhas horizontais em uma folha, também pode significar algo estabelecido ou fixo, tendo sua origem no termo em latim *pactus*. Um caderno sem pauta é um caderno sem um pacto pré-estabelecido. É um lugar mais acolhedor para desenhar pensamentos, tanto com imagens como com palavras. O lápis não precisava mais obedecer a “pauta do dia” das agendas.

O **lápis** sempre foi a minha principal ferramenta, o meu objeto *incorporado*. Uma extensão do meu braço, um sexto dedo da minha mão direita. Um objeto entre o meu corpo e uma superfície, entre mim e um **suporte**.

Suporte este quase sempre o **papel** das folhas de cadernos, folhas soltas, brancas, coloridas, com diferentes texturas e gramaturas. Um lugar seguro e silencioso que sempre me recebeu de páginas abertas.

O lápis, o papel e eu.

Uma dança, uma conversa, uma relação antiga de extrema intimidade.

Me recordo da alegria de ganhar de presente de Natal cadernos e caixas de lápis de cor. De não querer sair para brincar com outras crianças para ficar desenhando. De sentar-se no chão com o meu pai e vê-lo apontar todos os lápis com o estilete. Ficavam afiados feito agulhas.

Eu até hoje confio nos meus cadernos. Ainda guardam os meus segredos, meus sonhos, os roubos de palavras que faço a todo tempo enquanto leio os **livros**.

Eu não consigo ler sem ter um lápis na mão! Eu grifo, copio, roubo para mim.

E são dessas leituras que muitos dos meus desenhos nascem.

A poesia é cheia de imagens. Toda literatura é, mas a poesia é mais!

Uma vez uma amiga me disse que não conseguia ler poesia pois não entendia o que a maioria delas queria dizer. Acredito que é aí que está o meu encantamento por esse gênero literário. Para ler poesia é preciso o corpo todo. Poesia é coisa de sentir na pele, na respiração, no bater do coração. Ler em voz alta, mesmo que engasgada. Ler poesia me faz desenhar melhor, imagens e palavras.

Palavras geram imagens. Imagens geram palavras.

O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica.

Mário de Andrade – Pequenidades: Do desenho.

4. Um novo lugar

No início desse trabalho, contei em forma de diário como foi que o **tecido** chegou. Existia a necessidade de um *suporte que suportasse* o que eu estava sentindo, o que eu tinha para dizer, desenhar, escrever e expor. Me expor? Não. Me olhar.

Não me importa. Que uma coisa seja particular ou pública não faz diferença para mim. Eu gostaria de tornar meu particular mais público e, nesse ato, perdê-lo.

Louise Bourgeois

Depois de tantos anos de **psicanálise**, não posso mais separá-la da minha **arte**. É provável que eu nunca tenha feito essa separação, mas agora eu sei. A atração por textos e temas que fazem essa junção me levaram de volta à imensa obra de Louise Bourgeois. Meu primeiro contato com o seu trabalho foi em uma exposição belíssima que aconteceu em 2010, no instituto Tomie Ohtake. A escrita foi uma prática contínua no dia a dia de Louise, assim como o desenho. Ela chamava esses desenhos de “pensamentos plumas”.

Linhas desenhadas e linhas escritas se entrelaçam para criar a tapeçaria das memórias de infância, e para exorcizar os seus temores. Apesar de o verdadeiro exorcismo ser conseguido somente na escultura, desenhar é uma atividade calmante e curativa, sobretudo durante as longas noites de insônia.

Seus escritos, a intimidade de seus diários e suas confissões foram das mais importantes leituras durante o meu processo. Ler o pensamento de Louise me deu coragem. Eu não estava mais acompanhada apenas pelo médico e pelo terapeuta, mas também por ela. Louise me autorizou a essa outra escrita, além do desenho. Uma escrita para falar sobre, para contar sobre um processo? Sim, mas não apenas.

Percebo até aqui, que a minha escrita é uma conversa comigo mesma. Estou revisitando aquela dor em palavra escrita. Fazendo as pazes com as *malditas palavras*. Olhando de frente para uma mulher tecida pelo texto. Somente ao escrever, percebo por que o papel não deu conta. Existia uma urgência, a necessidade de uma outra materialidade, uma outra escala. Algo para suportar um corpo. Uma nova pele para esse corpo? Sim, um **tecido pele**.

É tempo de libertar a Nova da Antiga conhecendo-a, amando-a por escapar...

Hélène Cixous

5. O lápis e a agulha

Quando eu estava crescendo, todas as mulheres em minha casa usavam agulhas. Sempre tive fascínio pela agulha, o poder mágico da agulha. A agulha é usada para consertar os danos. É um pedido de perdão. Nunca é agressiva, não é uma ponta perfurante.

Louise Bourgeois

O tecido tinha mais ou menos a dimensão do meu corpo, mas não caberia a cabeça e os pés. Eu não precisava da cabeça e dos pés, mas até agora não sei muito bem o motivo. Talvez até o final dessa escrita em voz alta, eu descubra.

Não foi a agulha a primeira ponta a tocar o tecido. Foi com a ponta do lápis que eu consegui o começo de um **contorno**. Um contorno medroso, silencioso e tímido. Como se a ponta do lápis pudesse machucar o que já doía. Tocar com uma ponta aquela carne ainda sem pele? Foi preciso mão leve e muito cuidado.

O lápis, a agulha, o tecido e eu.

Uma nova dança, uma nova conversa, desconhecida, mas não menos íntima.

Com o lápis, minha ferramenta já *incorporada*, fiz as linhas do contorno.

Mas como costurar os danos? Com as duas pontas.

Ainda nos diários de Louise, leio uma pergunta que ela se fez:

Os novos materiais levaram às novas formas, ou foi o desejo por novas formas que levou à criação de novas soluções técnicas?



...reconhecer-se linha

6. Depois do contorno

...veio o coração!

*Se uma pessoa é artista, é uma garantia de sanidade.
Ela é capaz de suportar seu tormento.
Louise Bourgeois*

A pós de escrita teve início em setembro de 2020.

A depressão chegou em outubro de 2020.

O tecido me achou em novembro de 2020.

Miguel, meu filho, adoeceu em fevereiro de 2021.



...reconhecer-se coração

Quando comecei, tinha dúvidas sobre o tom, sobre até onde poderia contar, sobre a intimidade de uma *escrita diário*. Talvez ingenuamente, acreditei que seria possível separar os dois corpos, o que *se tecia* do que *se escrevia*.

Louise, eu sei que *a agulha é usada para consertar os danos...*, mas eu precisei das duas pontas. Não podia e não queria guardar o lápis *incorporado* há tanto tempo. Não era uma troca de ferramentas, era usar todas as necessárias.

Esse desenho em papel foi o único durante todo o bordado.

O tecido era o novo suporte, o *suportável*.

Mas foi como se esse papel me dissesse assim:

Vai lá, tece..., mas volta. Estarei aqui, como sempre estive.

De um coração de papel rendido para um coração de pano rendado.



A pele, o contorno e um coração rendado.

Um corpo ainda assustado por nascer. RE NASCER.

Corpo vivo de mulher mãe de coração no ventre.

A linguagem é uma pele.

Roland Barthes

7. Ao meio



...reconhecer-se sangue

A cor é uma voz que a gente escuta com os olhos.

Existem muitos estudos teóricos sobre o uso das cores e seus significados. Quem nunca leu algo sobre os *sentimentos das cores*? São conceitos uteis para muitos trabalhos. Eu mesma tenho a escolha das cores como uma das principais ferramentas de fala nos meus livros ilustrados. Mas aqui não. Aqui a cor não é útil, ela é **vital**.

Um corpo que sangrou as palavras malditas, que perdeu seu contorno.
Uma mulher aberta ao meio com medo que a alma lhe escape.
Um corpo com o coração no ventre que ainda sangra, todo mês.
Sangue é vermelho morte ou vermelho vida?
Aqui é vermelho vida.

Costuro-me.



*Tenho medo de minha liberdade.
Minha liberdade é vermelha.
Clarice Lispector em Um sopro de vida*

Uma lã vermelha foi o material que escolhi para criar esse **eixo**.
Após costurar o meio aberto da mulher, senti como se ela pudesse ficar em pé mesmo sem os pés. Talvez suspensa..., mas algo ali se sustentava.
Começava a sair do chão. E era algo bom de sentir no corpo. Nos dois.

Me lembro de um trecho escrito por Maria Gabriela Llansol,
em *O começo de um livro é precioso*:

*O começo de um livro é precioso. Muitos começos são preciosíssimos.
Mas breve é o começo de um livro_____mantém o começo prosseguindo.
Quando este se prolonga, um livro seguinte se inicia.
Basta esperar que a **decisão da intimidade** se pronuncie.
Vou chamar-lhe fio_____linha, confiança, crédito, tecido.*

Vou chamar-lhe fio vermelho vida.
Vou confiar na linha do contorno.
Vou dar crédito ao tecido suportável.



8. Dentro

Do que mais é feito esse corpo?

pele tecido - contorno linha - coração rendado - coluna eixo

*O homem é um ser de palavras.
Somos feitos de palavras.*

Essas coisas quem escreveu foi Octavio Paz, no seu livro *O arco e a lira*.

E eu acredito nele. Eu acredito que somos feitos de palavras.

Então, a *reconstrução de um corpo feminino* que já possui pele, contorno, coração e coluna...agora precisa da carne, da musculatura da palavra.

Do que mais é feito esse corpo?

pele tecido - contorno linha - coração rendado - coluna eixo - **carne palavra**

O começo de um corpo é precioso. O seu meio também.



...reconhecer-se palavra

A leitora sempre existiu.
A que não sabia que podia escrever, sempre soube ler.
E sempre leu **roubando** palavras, frases, fragmentos, poemas inteiros e citações.

A **carne** do corpo estava nos meus cadernos.

No começo me questioneei sobre não usar de minha própria carne. Um sentimento de ilegalidade, de falsidade, de algo proibido. Eu não escrevi isso, eu roubei!

Mas durante as aulas da pós, em especial, aulas do professor Jorge Ramos do Ó, percebi que não estava cometendo um crime e que não era a única ladra do "bando". Fui buscar algumas de minhas anotações, palavras do professor Jorge...

*Um texto é sempre uma **multidão**.*

*Os grandes autores foram grandes **apropriadores** de textos.*

*Montaigne escreveu sempre citando outros autores. Ele era capaz de **converter** o universo infinito dos livros em **seus** problemas íntimos.*

*Nos ensinaram que existe um autor dono do texto. E com isso, não podemos **mastigar** esse texto por questões éticas.*

*Não é falta de ética profanar um texto **desde que você o mastigue**, criando um texto novo, aglutinando diversos autores. Originalidade é a nossa habilidade de compor.*

*Construir um **arquivo...a beleza da mastigação**, produzindo ligações, entrelaçamentos. Texto quer dizer tecido.*

Tudo que estava em meus cadernos já era meu. Eu me sentia autorizada ao roubo. A **carne palavra mastigada** começou então a sair dos cadernos para a pele tecido. Eu sabia exatamente o que iria ser **tatuado** em cada parte do corpo.

Se não houvesse coisas assim, a escrita não teria lugar. Mas mesmo que a escrita esteja ali, sempre prestes a gritar, a chorar, não a escrevemos. São emoções dessa ordem, muito sutis, muito profundas, muito carnis, também essenciais e completamente imprevisíveis, que podem nutrir vidas inteiras no corpo. A escrita é isso. É fluxo da escrita que passa pelo seu corpo. Atravessa-o. É daí que partimos para falar de emoções que são difíceis de dizer, tão estranhas e que, no entanto, de súbito se apoderam de nós.

Marguerite Duras, em A morte do jovem aviador inglês.



Ela me chamava todos os dias.

Eu me chamava todos os dias.

Ela, Eu, os cadernos, os livros, o lápis, as agulhas, as linhas e uma tesoura.

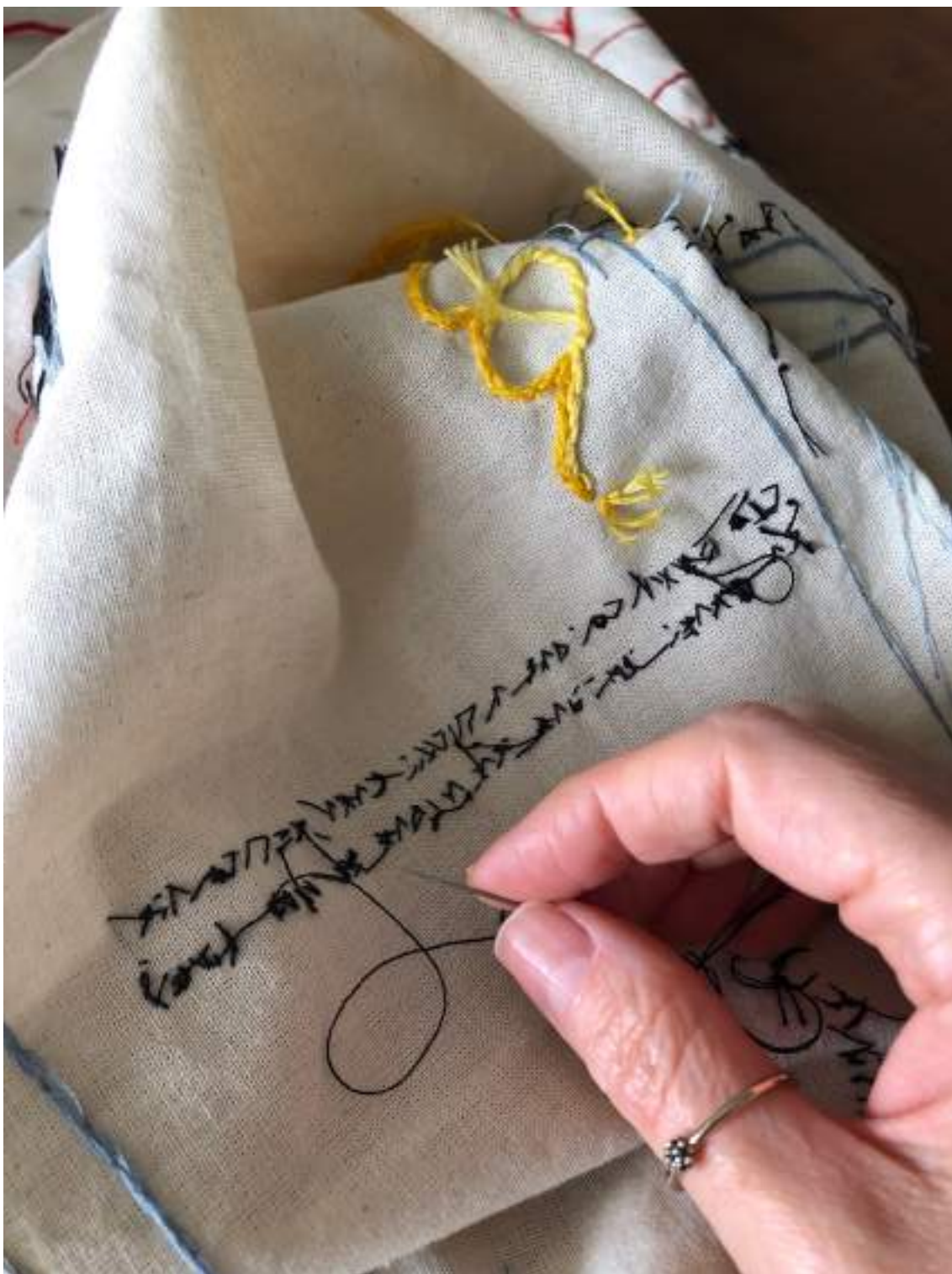
Nós duas passamos a conversar com Louise, Marguerite, Cixous, Clarice, Audre, Llansol, Sophia, Wislawa, Raquel, Liliana, Marcia, Maria Lúcia, Priscila, Rita, Barthes, João, Octavio, Giorgio, Khalil, Neruda, Rilke, Juan.



Bordar um corpo imaginante: “há uma hora em que as imagens do mundo nos hão de querer destruir o corpo” [...] Deixe-se que o poema seduza, então, as imagens, e as distraia, para que o corpo sobreviva.

Maria Gabriela Llansol

9. O avesso



...reconhecer-se alma

Por que eu gosto tanto do avesso?
O avesso é o escondido? É o atrás?

As experientes bordadeiras falam que “um bom bordado tem um avesso perfeito!”
Assim como não sou escritora, também não sou bordadeira.
Meu avesso é imperfeito e caótico...e livre.

Eu enovelada de eu.
Clarice Lispector

É no avesso que se revela o **caminho** da agulha.
No vai e vem da linha nasce o verso do avesso. E como é poético!
Entre os nós e as linhas enroscadas surgem símbolos, como um **desenho da escrita**.

O avesso guarda o **processo**, a **memória** da coisa vivida.
Será que existe uma diferença entre a coisa vista e a coisa vivida?
Talvez o avesso seja a coisa vivida, nem sempre vista.
No avesso está a **experiência**.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece...
(texto Notas sobre a experiência e o saber da experiência, de Jorge Larrosa)



Miguel adoeceu em fevereiro de 2021.
Todos os 21 dias de UTI ele me pediu
Mãe, me dá a sua mão?

Gosto de pensar o avesso como a **alma** do corpo bordado.

10. Sem acabamento

Na medida em que aprendemos a suportar a intimidade da investigação e a florescer dentro dela, na medida em que aprendemos a usar o resultado dessa investigação para dar poder à nossa vida, os medos que dominam nossa existência e moldam nossos silêncios começam a perder seu controle sobre nós.

Audre Lorde, em *Irmã Outsider*

Nas aulas da professora Luiza Christov, ouvi que devemos “escovar” as palavras. Nos atentarmos para os seus significados, pesquisar suas origens e então, depois de limpas, usá-las de forma cuidadosa e responsável. Foi o que tentei fazer aqui. Cuidar das palavras escolhidas para este texto que conta sobre um processo, uma experiência de escrita sobre algo visto e vivido, no corpo e na alma.

O corpo bordado é uma obra?

Obra é algo que precisa acabar?

obra

substantivo feminino

1. aquilo que resulta de um trabalho, de uma ação.
2. conjunto das ações de alguém ou dos efeitos de alguma coisa em vista de um certo resultado.

Escrever sobre uma **obra**, sobre o resultado de um trabalho, de uma ação.

Parece algo mais simples, estético e técnico.

Mas e se trocarmos a palavra obra pela palavra processo?

Escrever sobre o **processo**, sobre as ações de alguém que resultaram em uma obra.

É preciso refazer o caminho, reviver para poder contar. Já não é tão simples.

O corpo bordado é uma obra?

Sim.

Obra é algo que precisa acabar?

Não.

Essa escrita experiência, acompanhada de uma obra inacabada, foi sobre um fragmento de vida de um corpo feminino em reconstrução.

Escrever sobre **o processo de viver uma obra**.

Louise me disse que *nunca é sem medo*.

Ela começou no chão, por necessidade, com pavor e dor.

Mas **suportou** a intimidade da investigação e floresceu dentro dela.

Junho de 2022

segunda feira

garoa fina

Hoje escrevi a última página do que chamamos de TCC (trabalho de conclusão de curso). Senti uma vontade enorme de agradecer, acender uma vela e olhar a *chama*. Chorei. Um choro chorado de alegria, com o corpo todo, com a alma toda. Inteira.

Eu penso isso em voz baixa...olha o que você fez, Daniela! E é só começo de algo... Eu me lembrei de uma frase da Tamara Kamenszain, no Livro dos divãs, que ela diz assim... *por que escrever se escrever para constatar*.

Amanhã eu tenho terapia. Vou contar que terminei a escrita...essa aqui.

VÍDEO

<https://vimeo.com/726856388>

Esse vídeo foi produzido por Andrei Polessi, no meu ateliê em Campinas. Foram várias tardes esperando a luz mais bonita, em meio a muitas conversas, risadas e lágrimas. Ele é parte do que foi tecido até aqui, parte da obra inacabada.

REFERÊNCIAS

Eu me senti mais livre para escrever quando me desobriguei a colocar referências e notas de rodapé no corpo do meu trabalho. Talvez por uma questão estética da página ou até por alguma rebeldia por normas e regras. Mas depois de ter escrito o que eu tinha para contar, não me incomoda mais...pelo contrário, é bom de rever.

Louise Bourgeois

Destruição do Pai Reconstrução do Pai – Escritos e Entrevistas 1923/1997
Cosac Naify, São Paulo, 2000

O retorno do desejo proibido – Escritos Psicanalíticos
Catálogo publicado pelo Instituto Tomie Ohtake (exposição de Louise em 2011)

Marguerite Duras

Escrever, Relicário Edições, Belo Horizonte, 2021

Hélène Cixous

O riso da Medusa, Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2022

Audre Lorde

Irmã outsider – Ensaios e Conferências, Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2020

Maria Gabriela Llansol

O começo de um livro é precioso, Assírio & Alvim, Lisboa, 2003
Inquérito às Quatro Confidências – Diário III, Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2011

Partilha do incomum - Leituras de Maria Gabriela Llansol
Editora da UFSC, Florianópolis, 2014

Clarice Lispector

Um sopro de vida, Rocco, Rio de Janeiro, 1999

A descoberta do mundo, Rocco, Rio de Janeiro, 1999

Tamara Kamenszain

O livro dos divãs, 7Letras, Rio de Janeiro, 2015

Raquel Junqueira Guimarães

dermatográfico, cas'a edições, Belo Horizonte, 2020

Edith Derdyk

Linha de horizonte, Intermeios, São Paulo, 2012

Cecilia Almeida Salles

gesto inacabado – processo de criação artística, Intermeios, São Paulo, 2011

Marcia Tiburi e Fernando Chuí

Diálogo/Desenho, Editora Senac, São Paulo, 2010

Octavio Paz

O arco e a lira, Cosac Naify, São Paulo, 2012

Jorge Larrosa

Texto Notas sobre a experiência e o saber da experiência

Maurice Blanchot

o espaço literário, Rocco, Rio de Janeiro, 2011

Roland Barths

Aula, Cultrix, São Paulo, 2013

Vilém Flusser

Gestos, Annablume, São Paulo, 2014

Giorgio Agamben

Profanações, Boitempo, São Paulo, 2007

Paul Valéry

Degas Dança Desenho, Cosac Naify, São Paulo, 2012

Feitiços [Charmes], Iluminuras, São Paulo, 2020

Julio Ramón Ribeyro

Prosas Apátridas, Rocco, Rio de Janeiro, 2016

Rainer Maria Rilke

Cartas a um jovem poeta, L&PM, Porto Alegre, 2013

Nós duas passamos a conversar com Louise, Marguerite, Cixous, Clarice, Audre, Llansol, Sophia, Wislawa, Raquel, Liliana, Marcia, Maria Lúcia, Priscila, Rita, Barthes, João, Octavio, Giorgio, Khalil, Neruda, Rilke, Juan.

Esses nomes mencionados anteriormente são de escritores, poetas e pensadores, que vieram, através de pequenos fragmentos, compor o *dentro do bordado*. Seus nomes completos, escrevo somente agora:

Louise Bourgeois, Marguerite Duras, Hélène Cixous, Clarice Lispector, Audre Lorde, Maria Gabriela Llansol, Sophia de Mello Breyner Andresen, Wislawa Szymborska, Raquel Junqueira Guimarães, Liliana Pardini, Márcia Tiburi, Maria Lúcia Alvim, Priscila Gontijo, Rita von Hunty, Roland Barthes, João Proteti, Octavio Paz, Giorgio Agamben, Khalil Gibran, Pablo Neruda, Rainer Maria Rilke, Juan Gelman.

AGRADECIMENTOS

Estou olhando para essa palavra *agradecimentos* já tem uns trinta minutos e não sei por onde começar. São tantas as pessoas que estiverem comigo durante essa experiência vivida, que o sentimento é de ***não quero me esquecer de ninguém!***

À Casa Tombada, por ser esse lugar da gente ser o que quiser ser, por *a-colher*.
À Ângela e ao Giuliano, por cuidarem dessa Casa que abre portas, janelas, braços e ouvidos. Pelo convite ao sonho compartilhado.

À minha amiga Lili Pardini, por me trazer para a Casa, para a essa pós de risco, por me dar coragem e a sua mão. À Suzana Bucalon, por me dizer...Vamos? Se você for eu também vou! Por sua voz sempre presente.

Aos Professores desse *PerCurso*, que com tanta generosidade, saberes e sabores, me fizeram uma pessoa melhor, mais apaixonada pelas palavras, pelos novos livros e autores que conheci, pela alegria de descobrir a minha escrita. Pela chama.

Às queridas Pati, Ivy, Raquel e Lili (outra vez), por tanta coisa que nem sei dizer. Por estarmos juntas de verdade, pelas leituras atentas e falas calorosas de afeto e incentivo. Por essa amizade bordada para sempre.

Ao querido *Bando* que me ensinou tantas coisas. Pessoas carinhosas e dispostas ao convívio de verdade, às trocas mais generosas. Correr esse *risco* com vocês foi, com certeza, mais fácil. Agradeço a nossa querida Mari, por cuidar desse bando de gente com tanta dedicação e entusiasmo...e muita paciência tecnológica!

Ao meu amigo Andrei Polessi, artista talentoso e sensível, que enxergou toda a narrativa, todo o caminho desse trabalho, produzindo esse vídeo poema. Obrigada!

Ao Adriano, meu terapeuta sempre presente. Sempre mesmo.
Às irmãs que escolhi, Milena e Sueli, obrigada por tanto.

À minha família, Gustavo meu irmão e melhor amigo e minha mãe Luiza, que me ensinou o *fazer com as mãos*. Aos que não estão mais por aqui, meu pai José e meu avô Florindo, meus anjos da guarda. Deles herdei a letra bonita.

Ao meu filho Miguel, pela companhia, pela sua existência, por tanto que aprendo todos os dias. Por deixar o meu avesso mais bonito.